



HUSSERL E OS “ESTILHAÇOS” DA GUERRA: ORIGENS DAS REFLEXÕES SOBRE A CRISE DA CULTURA EUROPEIA

Husserl and the “Shrapnel” of War: Origins of Reflections on the Crisis
of European Culture

CARLOS DIÓGENES CÔRTEZ TOURINHO*

CARLOS EDUARDO DAVID RODRIGUES ALVES**

Husserl y la “metralla” de la guerra: orígenes de las reflexiones sobre la
crisis de la cultura europea

Resumo: A hipótese formulada pelo presente artigo consiste em mostrar que o fenômeno da Primeira Guerra Mundial foi decisivo nos rumos do itinerário de Edmund Husserl no século XX. A partir desse fenômeno e dos impactos que o mesmo produziu na vida pessoal de Husserl, nota-se um interesse crescente do autor pelas reflexões no campo da cultura, obrigando-o a desenvolver suas primeiras considerações sobre a temática da crise do homem europeu. O artigo possui duas partes: a primeira delas é dedicada ao contexto da guerra e aos seus impactos no pensamento de Husserl, ao passo que a segunda concentra-se sobre as célebres “Lições sobre Fichte”, ministradas pelo autor em 1917-1918, ainda sob os estilhaços e ruídos produzidos pela guerra.

Palavras-Chave: Edmund Husserl; Primeira Guerra; Europa; Crise; Humanidade.

Abstract: The hypothesis formulated by this paper consists of showing that the phenomenon of the First World War was decisive in the direction of Edmund Husserl’s itinerary in the 20th century. Based on this phenomenon and the impacts it had on Husserl’s personal life, one can notice the author’s growing interest in reflections in the field of culture, forcing him to develop his first considerations on the theme of the crisis of European man. The article has two parts: the first is dedicated to the context of the war and its impacts on Husserl’s thought, while the second focuses on the famous “Lessons on Fichte”, taught by the author in 1917-1918, still under the shrapnel and noises produced by the war.

Keywords: Edmund Husserl; First World War; Europe; Crisis; Humanity.

Resumen: La hipótesis formulada en este artículo consiste en mostrar que el fenómeno de la Primera Guerra Mundial fue decisivo en el itinerario de Edmund Husserl en el siglo XX. A partir de ese fenómeno y de los impactos que el mismo produjo en la vida personal de Husserl se desprende el creciente interés del autor por las reflexiones en el campo de la cultura, lo que le obligó a desarrollar sus primeras consideraciones sobre el tema de la crisis de la cultura europea. El artículo consta de dos partes: la primera está dedicada al contexto de la guerra y de su impacto en el pensamiento de Husserl, y la segunda se centra en las famosas “Lecciones sobre Fichte”, impartidas por el autor en 1917-1918, las célebres “Lecciones sobre Fichte”, impartidas por el autor en 1917-1918, aún bajo los sonidos y ruidos producidos por la guerra.

Palabras-Clave: Edmund Husserl; Primera Guerra Mundial; Europa; Crisis; Humanidad.

* Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Coordenador do Laboratório de Fenomenologia (LAFE: <https://laboratoriodefemenologia.uff.br/>) da Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói-RJ/ Brasil. Membro do Núcleo de Sustentação do GT de Fenomenologia da ANPOF. ORCID: 0000-0001-5963-599X. E-mail: cdctourinho@gmail.com

** Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal Fluminense. Membro do Laboratório de Fenomenologia (LAFE: <https://laboratoriodefemenologia.uff.br/>). ORCID: 0009-0005-7726-1916. Email: carlos_david@id.uff.br



Introdução

A hipótese formulada pelo presente artigo consiste em mostrar o quão o fenômeno da guerra e, mais particularmente, da Primeira Guerra Mundial, foi decisivo nos rumos do itinerário de Edmund Husserl no século XX. Como o próprio autor reconhece – em carta a Arnold Metzger, de 1919 – até então, dedicara-se, quase que exclusivamente, aos assuntos relacionados a problemas de fundamentação “teórica”, tendo pouco olhar para os assuntos relacionados à vida prática e cultural, bem como pouca familiaridade com a diversidade cultural dos povos em geral¹. Com uma vida consagrada à “teoria”, ao menos, até o período da guerra, Husserl se tornou conhecido do grande público como o autor das famosas *Investigações Lógicas*, cujas edições iniciais marcaram época no pensamento fenomenológico, em 1900/1901 e em 1913. A partir do fenômeno da guerra e dos impactos que a mesma produziu na vida pessoal de Husserl, nota-se um interesse crescente do autor pelas reflexões no campo da cultura. Tal interesse se faz notar não somente através de cartas trocadas pelo próprio autor com interlocutores da época, no período entre 1914 e 1918, mas também pelas famosas “Lições sobre Fichte”, ministradas em Freiburg para ex-combatentes, ao final da Primeira Guerra. O objetivo do presente artigo é, portanto, o de acentuar o impulso ganho por tais reflexões sobre a cultura a partir do referido período, obrigando Husserl a desenvolver suas primeiras considerações sobre a temática da crise do homem europeu, cuja consolidação se deu, definitivamente, nos anos 30, em suas famosas conferências de Viena e de Praga (em 1935), assim como nas partes iniciais do texto da *Krisis*, publicado em 1936, dois anos antes de sua morte.

Se há um indício dessa mudança no que concerne às reflexões sobre a cultura, podemos encontrá-lo, com maior nitidez, nos “estilhaços” deixados pela Primeira Guerra Mundial no pensamento de Husserl. Os impactos da guerra não deixariam de afetar as nuances da tarefa crítica exercida pelo autor. Tarefa essa que, aliás, encontra-se presente no caminho traçado por Husserl desde as origens da fenomenologia. Mas se antes tal tarefa – entendida como denúncia de eventuais contrassensos que, eventualmente, colocassem a razão em contradição consigo mesma – concentrava-se, fundamentalmente, sobre um interesse teórico, com o advento da Primeira Guerra, essa mesma tarefa incluirá, com realce, a denúncia de contrassensos éticos. Tudo isso mostrará ao leitor de Husserl que a crítica exercida no plano teórico se desdobra, acompanhada por certa dramaticidade deixada pelo cenário da guerra, para o plano prático.

Quando se trata do exercício e alcance da tarefa crítica – espécie de “chave” que jamais se desliga no pensamento husserliano, pois prepara o terreno para erguer o grande edifício da fenomenologia, livrando-o das ameaças do ceticismo – não há dúvidas de que o Naturalismo² se torna a doutrina para a qual Husserl mais nos chamou a atenção quanto aos contrassensos teóricos de seus pressupostos³. Trata-se de uma preocupação que se estende, ao menos, da primeira edição de suas *Investigações Lógicas* ao período de *Krisis* (considerado, em vida, o último grande testemunho de Husserl contra os naturalistas). Mas, como dissemos, se num primeiro momento, o ímpeto dessas denúncias tem um interesse marcadamente teórico, o fenômeno da Primeira Guerra parece ter, definitivamente, despertado Husserl para os perigos do naturalismo para a cultura. Tal despertar irá unificar o interesse teórico com o prático, fortalecendo o laço indissociável entre ambos a partir da tematização da crise da cultura europeia. Não que Husserl não tivesse, anteriormente, manifestado interesse pelos assuntos relacionados à razão prática. De fato, o fez através de suas *Lições sobre Ética e Teoria do Valor* (de 1908-1914), nas quais se beneficia ainda das teses de *Investigações Lógicas* (Fabri, 2016). Mas, a partir do fenômeno da guerra, esse interesse passa a ser impulsionado pelo problema da crise da Europa. A temati-

1 Sobre o depoimento de Husserl a Metzger (McCormick & Elliston, 1981, p. 360). Ainda sobre esse depoimento, James Hart chama a atenção para uma passagem na qual Husserl testemunha ter sido avisado, como Sócrates, por seu *daimonion*, para viver puramente como um teórico, como um “filósofo científico” (Hart, 1995, p. 138).

2 Alguns naturalistas são citados por Husserl, tais como: Oswald Spengler (1880-1936) e Ernst Haeckel (1834-1919). Em *O Monismo como elo entre Religião e Ciência*, de 1893, Haeckel defende uma filosofia na qual insiste em uma unidade fundamental da natureza orgânica e inorgânica, ambas subordinadas à determinação de leis físico-químicas as quais as ciências naturais recorrem para a explicação dos fenômenos da natureza. No que concerne à matéria orgânica, Haeckel apoia-se na teoria evolucionista segundo a qual os organismos vivos se encontrariam subordinados aos mesmos princípios determinantes da evolução das espécies. No que diz respeito, especificamente, ao homem e as origens de sua vida psíquica, Haeckel é categórico em afirmar que a consciência consistiria em uma função do sistema nervoso central, resultado de um longo período de evolução pelo qual passou o homem como organismo biológico (Haeckel, 1893, p. 23).

3 O assentamento das ciências da natureza no discurso naturalista conduz, em última instância, ao projeto de naturalização de ideias (no qual conteúdos ideais do pensamento seriam reduzidos a meras ocorrências psicológicas), alinhado a uma naturalização da consciência. O discurso naturalista incorre, assim, em problema de fundamento, pois confunde o “real” com o “ideal”, o “ato psicológico de pensar” com o “conteúdo ideal do pensamento”. A denúncia desse problema é resultado da postura incansável de Husserl em exercer a tarefa crítica, motivada, de certo modo, pela preocupação de que a filosofia pudesse incorrer em uma crise sem precedentes, ao se esvaír nos contrassensos teóricos inerentes aos pressupostos naturalistas (Tourinho, 2022).



zação desse problema começa a ganhar fôlego justamente durante a Primeira Guerra e, sobretudo, em lições proferidas imediatamente após o término do conflito. E é isso que tentaremos mostrar no presente artigo em duas partes: a primeira delas dedicada ao contexto da guerra e aos seus impactos no pensamento de Husserl, ao passo que a segunda se concentra sobre as célebres “Lições sobre Fichte”, ministradas pelo autor em 1917-1918, ainda sob os estilhaços e ruídos produzidos pela guerra.

Husserl e os “Estilhaços” da Primeira Guerra Mundial

O leitor debutante nos escritos de Husserl poderá, num primeiro momento, considerar que, impulsionadas pelas conferências de Viena e de Praga, as reflexões do autor sobre a crise da humanidade europeia ganham contornos mais nítidos somente com a publicação do texto de *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*, cujas partes iniciais foram publicadas em 1936. Mas é preciso desfazer, junto a esse mesmo leitor, tal consideração precipitada. Afinal, tais reflexões intensificam-se no início da década de 20 e manifestam os seus primeiros sinais ao final da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) que, para Husserl, expressou a crise espiritual da humanidade europeia e a perda daquilo que o autor considera o seu “sentido ético”⁴.

Mas em que consistiria tal sentido perdido por essa humanidade? Teriam os acontecimentos históricos forçado, de algum modo, Husserl a pensar, num cenário que se tornaria, em pouco tempo, um tanto quanto inóspito para o próprio autor, a crise espiritual vivida pelo homem europeu? Nos termos de Paul Ricoeur, a história aparece para Husserl mediante uma “consciência de crise”, ou seja, “é a própria tragédia da história que inclinou Husserl a pensar historicamente” (Ricoeur, 2009, p. 28). De fato, os acontecimentos históricos relacionados à Primeira Guerra parecem compelir Husserl a pensar o absurdo vivido por tal humanidade, desde a sua vivência no plano pessoal, passando pelo aspecto coletivo com a experiência da violência em proporções antes inimagináveis, até os impactos econômicos e políticos que puseram em dúvida a própria ideia de uma Europa promissora, posto que, até então, a mesma guiava-se pelos ideais de progresso e prosperidade, próprios do ideário positivista formador da mentalidade do homem europeu naquele período. A Primeira Guerra representou, portanto, um primeiro “golpe duro” desferido contra esse ideário.

É preciso destacar que logo no início da guerra, já em suas primeiras semanas, Husserl dava mostras de estar tomado por um genuíno entusiasmo e, poder-se-ia dizer, por um “fervor nacional”. Impressionado com a mobilização de toda a população, escreveu cartas expressando seu apoio à guerra⁵. Em algumas delas, chegando mesmo a descrever a guerra como uma oportunidade para a Alemanha mostrar sua força e defender seus ideais. O autor fala sobre a importância da unidade nacional e do sacrifício pessoal para o bem maior da nação. No entanto, apesar desse forte sentimento de patriotismo, Husserl não era, propriamente, um “belicista”, isto é, não defendia a guerra como um fim em si mesmo, mas acreditava que a Alemanha tinha o dever de se defender e proteger seus valores e cultura. O autor via a Alemanha como um importante centro de cultura e ciência, acreditando que a guerra representava uma ameaça a esses valores. A esse respeito, como destaca Christian Möckel (1998, p. 39): “como muitos outros intelectuais, ele vê na guerra, iniciada pela Alemanha com objetivos idealistas, uma oportunidade temporária para um renascimento cultural ou pelo menos para avançar um pouco nessa direção”. É preciso lembrar ainda que, inicialmente, Husserl mostrava-se orgulhoso de ter, em agosto de 1914, seus dois filhos – Wolfgang e Gerhart (esse último dois anos mais velho que o primeiro) – convocados para o serviço militar, além da filha Elisabeth, cerca de quatro anos mais velha, prestando serviço hospitalar durante a guerra. Mas a morte do filho mais jovem e o grave ferimento do mais velho logo mergulhariam a família em um cenário profundamente conturbado. Ao longo do conflito, a posição de Husserl manifestada inicialmente em relação à guerra e ao patriotismo começou a evoluir e adquirir novos contornos. Conforme revelado em suas cartas a Fritz Kaufmann em 20 de setembro de 1915 e a Natorp em 22 de abril de 1916 (Schuhmann, 1981, p. 191), as perdas de vidas e o sofrimento humano decorrentes da guerra o afetaram profundamente, assim como o impacto negativo que a guerra estava tendo na cultura alemã. Nessas correspondências, Husserl compartilhou sua própria luta pessoal em meio à guerra, incluindo a perda de pessoas queridas, problemas de saúde e a dificuldade em manter sua produtividade acadêmica. Essas experiências pessoais contribuíram para uma mudança em sua percepção, levando-o a uma crítica mais reflexiva sobre o fenômeno da guerra e suas consequências.

Os “estilhaços” da guerra começavam a atingir, mais fortemente, Husserl na vida pessoal com a morte do seu filho mais novo Wolfgang, acontecimento trágico e doloroso na vida do autor. Wolfgang morreu em 8 de março de 1916, durante a Batalha de Verdun. A perda do filho teve um grande impacto emocional em Husserl, assim como a morte de alguns dos seus colaboradores no mesmo período (Ingarden, 1968, p. 120). A título de contextualização, lembremos que Adolf Reinach foi morto no outono de 1917, juntamente com vários outros alunos próximos e talentosos, tais como: Rudolf Clemens, Waldemar Conrad, Fritz Frankfurter,

4 Carta de Husserl dirigida a Winthrop Bell (Husserl, 2014, p. 12).

5 Como Husserl escreve em 1915 para Hugo Münsterberg: “Nossos esplêndidos soldados no campo de batalha – meus dois filhos, assim como todos os estudantes aptos de Göttingen, também estão lá – estão resistindo ao inimigo na lama das trincheiras, sob adversidades indizíveis, sem um dia sem estar sob fogo, nenhuma noite em uma cama, as roupas molhadas nunca são trocadas, no meio de impressões horríveis, cercados pelos corpos dos mortos; e quando avançam, o fazem com canções vibrantes. Eles saíram para lutar nessa guerra no espírito fichteano como uma guerra verdadeiramente sagrada e para se oferecerem com corações cheios como sacrifício para a Pátria” (De Warren, 2023, p. 376).



Georg Moskiewicz, Emil Lask, Adolf Reinach, Heinrich Rickert Jr. e Hermann Ritzke, dentre outros (Hoeres, 2019, p. 521). Nesse mesmo cenário, destaca-se o exílio de importantes colaboradores e amigos, tais como: Alexander Koyré, Jean Hering, Winthrop Bell, Frau Conrad-Martius e seu marido, Dr. Theodor Conrad, além de alguns outros. O chamado “círculo fenomenológico” de Göttingen deixou, basicamente, de existir como uma totalidade cultural. Husserl falava apenas ocasionalmente sobre seus alunos mais antigos que havia, com a guerra, desaparecido de seu círculo.

A morte de Reinach (em novembro de 1917) foi, em particular, uma perda muito dolorosa para Husserl, já que ele era não apenas um aluno próximo e promissor, mas também um amigo íntimo e confidante (Ingarden, 1968, p. 115). Em relação ao proeminente aluno, Roman Ingarden recorda que Reinach gozava de grande prestígio junto aos demais alunos do círculo, nos últimos anos que antecederam à Primeira Guerra Mundial. Além de ser um bom professor, consolidava-se, acima de tudo, como um “brilhante líder dos exercícios filosóficos” (Ingarden, 1968, p. 115). Atuando como uma espécie de “guardião” da racionalidade, a figura de Reinach era, segundo Ingarden, como a de um “espírito vivo que abria novos caminhos e aspectos de pesquisa em uma atitude criativa”, nunca perdendo “sua capacidade de agir em situações difíceis ou sua presença de espírito” (Ingarden, 1968, p.115). Reinach morreu na Primeira Guerra Mundial, enquanto lutava pelo exército alemão, aos 24 anos de idade. Husserl escreveu sobre a morte de Reinach em vários momentos, expressando sua profunda tristeza e dor com a perda de um jovem filósofo tão talentoso e dedicado⁶. Apesar dos eventos trágicos da guerra, Husserl retoma, gradualmente, suas atividades filosóficas a partir de junho de 1915⁷. Se Husserl vive um verdadeiro drama na vida pessoal, enquanto filósofo, o autor constrói uma espécie de “muro espiritual”, para que pudesse, na medida do possível, atenuar os impactos vividos durante e após a Primeira Grande Guerra. Mas, como lembra Arion Kelkel e René Schérer, para Husserl, fatos são fatos e é preciso aceitá-los. Sua resignação não significa, contudo, indiferença. Nas palavras do próprio autor: “O papel de espectador desinteressado é, demasiadamente difícil de levar em conta nesta época por pessoas da nossa espécie” (Kelkel & Schérer, 1964, p. 2). Nesse período, a Faculdade de Filosofia da Universidade de Freiburg o convidou para substituir Heinrich Rickert. Husserl aceitou o convite em abril de 1916⁸. A preparação de sua palestra inaugural em 3 de maio de 1917, intitulada “A Fenomenologia Pura, seu campo de pesquisa e seu método” (*Die reine Phanomenologie, ihr Forschungsgebiet und ihre Methode*), não apenas marcou o reinício de um trabalho incansável de introdução à Fenomenologia; tornando-se, naquele momento, mais uma oportunidade para que Husserl refletisse sobre as relações da Fenomenologia com a Psicologia e com a Teoria do Conhecimento⁹. O entusiasmo caloroso da audiência no encerramento da palestra atestou o renascimento da vitalidade de Husserl, uma conquista notável após os desafios enfrentados no período da guerra¹⁰. Nos anos seguintes, Husserl dedicou-se intensamente à elaboração de inúmeros manuscritos de pesquisa. No entanto, como o autor expressa, em uma carta a Kaufmann, datada de 17 de janeiro de 1919, esse trabalho serviu como uma fonte de consolo em meio às aflições nacionais¹¹.

Aos poucos, Husserl encontrava uma forma de lidar com a tragédia da guerra, construindo o seu próprio “muro espiritual” em meio à destruição e o caos. Para ele, a filosofia era uma forma de buscar a verdade e de tentar compreender o mundo e o lugar do homem nele. Essa crença na importância da filosofia e na busca pelas verdades eternas permaneceu uma constante na vida e obra de Husserl, mesmo diante dos desafios e dificuldades da guerra e do pós-guerra. Nos termos do autor: “A questão relativa ao ser último, à verdade, deve ser o objeto de toda filosofia verdadeira. É o trabalho da minha vida”¹².

O sentimento de Husserl em relação ao fenômeno da guerra pode ser evidenciado nas palavras do próprio autor, em carta enviada a William Hocking, em 1920: “A guerra pôs a descoberto a indescritível miséria, não apenas moral e religiosa, mas filosófica da humanidade”¹³. E em outra oportunidade, no mesmo ano, agora em carta dirigida a Winthrop Bell, o autor afirma: “A guerra, o pecado mais universal e profundo da humanidade em toda a sua história, colocou em prova todas as ideias vigentes em sua impotência e inautenticidade”. E ainda no mesmo trecho nos diz: “A guerra do presente, transformada em guerra do povo no mais

6 A este respeito, é importante notar que Husserl chegou a chamar Reinach de “um dos mais destacados representantes da filosofia fenomenológica”, atendendo ao pedido de Arthur Liebert e publicando um obituário que testemunhava respeito técnico e profunda simpatia pelo falecido em *Kant-Studien* em 1918. Antes disso, em 6 de dezembro de 1917, fez uma homenagem em uma forma ligeiramente diferente, publicada no *Frankfurter Zeitung* (Nenon & Sepp, 1987, p. XXXV).

7 Em uma carta a F. Kaufmann em 2 de junho de 1915, Husserl expressa seu desejo de retornar ao trabalho filosófico e de continuar seus estudos, apesar da situação difícil: “apesar das constantes perturbações durante este tempo de guerra, o trabalho está progredindo novamente. Estou começando a despertar” (Schuhmann, 1981, p. 195).

8 Em 8 de abril de 1916, Husserl prestou juramento de posse diante do vice-reitor da Universidade, marcando um importante momento em sua carreira acadêmica durante seu período em Freiburg (Schuhmann, 1981, p. 200).

9 Durante o período de férias, Husserl tinha como plano inicial a redação de sua aula inaugural. No entanto, esse projeto tomou um rumo diferente, evoluindo para um trabalho mais abrangente intitulado “Introdução à Fenomenologia”. Esse trabalho se desdobrou em duas seções distintas: “Fenomenologia e Psicologia” e “Fenomenologia e Teoria do Conhecimento” (Schuhmann, 1981, p. 208).

10 Carta a F. Kaufmann de 17 de janeiro de 1919 (Schuhmann, 1981, p. 209).

11 Nas palavras de Husserl: “Você pode imaginar como sofri, junto com todos os nacionalistas, diante do terrível colapso de nossa grande e orgulhosa nação, e ainda sofro. Busquei salvação através do aprofundamento no trabalho filosófico” (Schuhmann, 1981, p. 227).

12 “O percurso de uma vida está longe de chegar ao coração, o que é essencial. É tão importante que a filosofia seja tirada do liberalismo e do racionalismo e reconduzida ao que é essencial, à verdade. A questão relativa ao ser último, à verdade, deve ser o objeto de toda filosofia verdadeira. É o trabalho da minha vida” (Adelgundis & O. S. B., 2020, p. 6).

13 As cartas são citadas na *Hua XXVII: Aufsätze und Vorträge (1922-1937)*, T. Nenon und H. R. Sepp (Hrsg.), 1989, p. 12. E são traduzidas por Hoyo Vazques para língua espanhola. In: Vazques, H. La Ética Fenomenológica como Responsabilidad para la Renovación Cultural, 2012, p. 4.



estrito e horroroso sentido da palavra, perdeu todo seu sentido ético” (Husserl, 2014, p. 12).

Assim, durante a Primeira Guerra Mundial, Husserl desenvolveu uma forte preocupação com a crise da Europa e com a necessidade – redobrada pelos “estilhaços” da guerra – de abordar questões fundamentais relacionadas à etiologia da crise do homem europeu, apontando, ao mesmo tempo, para um caminho que pudesse remediar o estado radical de desamparo vivido por essa mesma humanidade no período do pós guerra. A preocupação em questão ganha, no período de 1917 e 1918, contornos mais nítidos se considerarmos as preleções dadas por Husserl para ex-combatentes: as chamadas “Lições sobre Fichte”. Em meio ao cenário de destruição deixado pela guerra, Husserl busca, no idealismo alemão, uma inspiração para a redescoberta de ideais éticos que havia, segundo ele, se perdido naquele momento. Começava, de forma mais contundente, o seu esforço para pensar uma etiologia da crise do homem europeu.

O Diagnóstico da Crise nas “Lições sobre Fichte” (1917-1918)

Um ponto marcante nas reflexões de Husserl sobre a crise da cultura ao final da segunda década nos remete para as célebres “Lições sobre Fichte” (*Fichtes Menschheitsideal/ Drei Vorlesungen* 1917) ministradas – em seu primeiro ciclo, para ex-combatentes que acabavam de chegar da guerra – em três ocasiões, na Universidade de Freiburg, entre 1917 e 1918. É preciso ressaltar, contudo, que tais lições não representavam, àquela altura, um primeiro contato de Husserl com os escritos de Fichte. Ainda no período de Göttingen, nos cursos de verão de 1903, 1915 e 1918, Husserl já havia ministrado cursos sobre *A vocação do Homem*, obra publicada em 1800 pelo idealista alemão¹⁴. Mas, malgrado esse contato anterior, os chamados “escritos populares” de Fichte ressurgiam em meio à exigência de se fazer um diagnóstico da crise desencadeada pelo fenômeno da guerra.

Na primeira dessas lições, Husserl deixa claro que, especificamente, o povo alemão sucumbiu, apoiando-se nas novas ciências exatas e dominados pela cultura da técnica, a uma espécie de “desvio” – um tanto quanto arriscado e perigoso – e, portanto, de afastamento, de toda uma tradição intelectual alemã (nas ciências, nas artes e na filosofia), da qual fazem parte Kepler, Goethe, Leibniz, Kant e seus sucessores. Aos olhos de Husserl, essa tradição caiu em declínio profundo no meio intelectual alemão a partir do final do século XIX. Com o intuito de revigorá-la, tais lições concentram-se em Fichte (o pensador da famosa “*Wissenschaftslehre*” e de suas inúmeras revisões), a quem Husserl considera o porta-voz do espírito do Idealismo Alemão no século XIX, justamente por fomentar no povo alemão, após a invasão da Prússia por Napoleão, um “retorno interior a elevados ideais éticos e religiosos” (Husserl, 1987, p. 268).

Em tais lições, Husserl nos fala dos cinco estágios do desenvolvimento moral da humanidade em Fichte. Confinada, inicialmente, ao domínio da experiência sensível (no qual se deixa impulsionar tão somente pelo que apraz aos sentidos), a vontade humana não se apercebe e, com isso, mantém-se afastada de um agir em conformidade com o dever moral (“o segundo passo da humanidade, o primeiro para a vida verdadeira...” (Husserl, 1987, p. 286). Se a passagem dos impulsos da sensualidade para a “voz do dever” se torna necessária – como uma espécie de “renascimento interno” – no desenvolvimento moral da humanidade, tal passagem não é, contudo, suficientemente satisfatória para se pensar uma moralidade superior, pois essa não pode consistir tão somente em um estado de mera *negatividade* dos sentidos e num amor formal à liberdade, conforme encontramos, segundo Fichte, na *apatia* dos Estóicos, cuja autonomia torna-se algo “frio e vazio” (*kalten und leeren*) (Husserl, 1987, p. 287). Torna-se claro que o estóico, que vive em uma postura defensiva constante contra os ataques de desejos sensíveis, é, portanto, ainda dependente dessa postura e, neste sentido, encontra-se ainda intimamente ligado a ela, sentindo ainda o seu poder (Husserl, 1987, p. 287). Tal formalismo carece, portanto, de conteúdo e, mais precisamente, da determinação de valores positivos absolutos, mantendo-se, assim, como uma mera “eticidade” (*Sittlichkeit*). Aspirando a uma moralidade (*Moralität*) “superior e autêntica”, o segundo nível seria, então, em Fichte, sucedido por estágios subsequentes, identificados, respectivamente, pelo amor positivo a valores eternos que pudessem oferecer ao dever o seu conteúdo, tais como, o Belo e o Bem (*Schön und Gute*)¹⁵, e pela compreensão da importância desse amor como um “fim” – em sentido religioso, de uma consciência da unidade com Deus, na qual cada indivíduo se auto compreende como efeito das Ideias divinas, tornando-se ciente disso no amor de Deus.

Por fim, o ponto mais elevado desse itinerário não consistiria, propriamente, em uma consciência meramente religiosa de Deus, mas sim quando a conectividade do divino e da vida humana se torna tema de uma ciência perfeita e absoluta, capaz de fazer com que a fé seja elevada ao estatuto de uma intuição mais profunda do “porquê” e “como” (“*Warum und Wie*”) religiosos, permitindo, enfim, que a revelação de Deus no interior da pessoa humana atinja o seu nível mais alto (Husserl, 1987, p. 292). Tem-se, assim, nas “Lições sobre Fichte”, o entrecruzamento definitivo dos domínios da Moralidade e da Religião. Tais lições de 1917 e 1918 se tornam importantes, pois, anunciam, ainda sob os estilhaços da guerra, uma preocupação explícita com a crise vivida pela humanidade europeia, resultado de um “desvio” que, por sua vez, somente poderia ser remediado por um

¹⁴ Após o período de 1918, embora não tenha, explicitamente, oferecido seminários sobre Fichte, os cursos sobre ética de 1919, 1920, 1921 e 1924 contêm seções dedicadas a Fichte, bem como a temas fichteanos. Sobre o assunto, conferir o excelente artigo de James G. Hart (1995).

¹⁵ “Mas se eles aparecem e enchem o coração de um amor entusiasmado, então o comando do dever chega tarde demais. O Belo e o Bem já se encontram escolhidos e realizados” (Husserl, 1987, p. 287).



retorno a questões fundamentais relacionadas à vida prática, algo que somente se tornaria possível por meio da ideia de uma espécie de “renovação espiritual”. Malgrado as diferenças de épocas e circunstâncias, ambos os autores – Fichte e Husserl – falam ainda sob os ares da guerra: se Fichte conclama, em meio à invasão da Prússia por Napoleão, o povo alemão para um “retorno a elevados ideais éticos”, Husserl fala, inspirado nos escritos fichteanos mais populares, para ex-combatentes recém-chegados dos *fronts* na Primeira Guerra, sobre o ideal ético da humanidade. Um ponto decisivo para se pensar, no período das *Lições*, uma aproximação entre os dois autores, talvez seja, justamente, a indissociabilidade que encontramos, em ambos, entre os problemas de fundamentação teórica e os assuntos da vida prática. Se a *Wissenschaftslehre* de Fichte é indissociável de um ideal ético da humanidade, em Husserl, a intenção primária de constituir a filosofia como uma “ciência de rigor” (*strenge Wissenschaft*) encontra-se também alinhada ao ideal de uma *humanitas* autêntica, articulando aspectos da vida cognitiva, ética e social, conforme podemos atestar, em 1923, no primeiro artigo da revista japonesa *Kaizo* (Husserl, 1989). Seja como for, as “Lições sobre Fichte” registram, ainda sob os estilhaços da Primeira Guerra, as origens das reflexões de Husserl sobre a crise da cultura europeia, tema que se consolidaria, definitivamente, no itinerário husserliano nas famosas conferências de Viena e de Praga e, mais particularmente, com a publicação das duas partes iniciais da *Crise das Ciências*, publicadas dois anos antes da morte do autor em 1938 e, portanto, num cenário “protencional” em relação a novos estilhaços às vésperas da Segunda Guerra Mundial, cujos impactos representaria, entre 1939 e 1945, a derrocada definitiva do ideal positivista da cultura europeia.

Considerações Finais

Pode-se dizer, em resumo, que Edmund Husserl confrontou o impacto profundo e devastador da Primeira Guerra Mundial, evento trágico cujos destroços balançou as bases da cultura e, mais particularmente, do ideário positivista vigente na formação da mentalidade do homem europeu. Nesse período turbulento, Husserl não apenas testemunhou os horrores da guerra, bem como vivenciou, conforme vimos, no plano pessoal, a tragédia com a perda de seu filho, amigos e colaboradores. O fenômeno da guerra o impulsionaria para uma investigação mais profunda sobre a etiologia da crise do homem europeu, levando-o, no início dos anos 20, a pensar uma reforma da cultura que pudesse, de algum modo, conclamar essa mesma humanidade a um espírito de renovação em um cenário onde os valores fundamentais pareciam desmoronar¹⁶.

Diante das devastadoras consequências da guerra, a busca por um “sentido ético” que, para Husserl, se perdeu durante o conflito, reflete sua profunda inquietação com a crise espiritual na qual recaiu a humanidade europeia. A Primeira Guerra Mundial revelou uma face brutal da civilização europeia, cuja irracionalidade talvez fosse apenas o florescimento de uma ingenuidade um tanto quanto perigosa das ciências naturalistas da época e do papel que as mesmas exerceram na formação do homem europeu. Aliás, quanto aos perigos do naturalismo para a cultura, é preciso destacar uma intuição importante do próprio Husserl, cerca de três anos antes da guerra, em seu artigo publicado para o primeiro número da revista *Logos*, em 1911: a constatação de que os contrassensos teóricos do naturalismo seriam seguidos por contrassensos no “procedimento atual, teórico, axiológico e ético”¹⁷. Neste sentido, talvez possamos afirmar que as reflexões husserlianas sobre os perigos nos quais se encontrava mergulhado o homem europeu já estivessem, mesmo antes da guerra e do desabrochar da crise, virtualmente presentes no pensamento de Husserl, em que pese o próprio autor se ressentir um pouco quanto ao seu distanciamento dos assuntos relacionados à vida política, sobretudo, no período anterior à guerra¹⁸.

A relação do autor com as leituras dos escritos populares de Fichte, explorada nas *Lições* de 1917-1918, torna-se bastante significativa quanto à urgência em torno da tematização da crise, diagnosticando-a, bem como apontando um caminho capaz de remediá-la. E neste sentido, não há dúvidas de que o fenômeno da guerra teve uma participação decisiva neste “despertar” husserliano. O próprio autor relata, em carta a Metzger, que a tarefa de escrever um artigo sobre a guerra teria lhe causado um “rebuliço filosófico pretensioso” (Hart, 1995). Inspirado em Fichte, Husserl destaca a vocação e a responsabilidade como formas de encontrar um propósito mais profundo na vida. A vocação, entendida como um chamado interno, permite transcender as demandas imediatas e conectar-se com valores mais elevados, enquanto a resolução é a força motriz que dá vida a essa vocação. Essa abordagem reflete a necessidade de encontrar um caminho ético em meio à turbulência e o caos.

16 Sobre esse “espírito de renovação”, conferir, em especial, o primeiro artigo publicado pela revista japonesa *Kaizo*, em 1923 (Husserl, 1989).

17 No importante artigo publicado em 1911 para o primeiro número da Revista *Logos*, intitulado “A Filosofia como Ciência de Rigor” (“Philosophie als strenge Wissenschaft”), Husserl volta a fazer, na primeira parte do artigo, severas críticas à doutrina naturalista. O assentamento das ciências em um solo naturalista conduz, em última instância, ao projeto de naturalização das ideias, alinhado à naturalização da consciência. Se o exercício da tarefa crítica se volta, fundamentalmente, na primeira década do século XX, para a missão de denunciar os referidos contrassensos teóricos, ao final do prefácio do artigo de 1911, Husserl parece manifestar uma preocupação que, até então, não víamos, ao menos, explicitamente: a de que “...os contrassensos teóricos são inevitavelmente seguidos por contrassensos (discordâncias evidentes) no procedimento atual, teórico, axiológico e ético” (HUSSERL, 1910, p. 295). Daí a frase de Husserl, no artigo em questão, segundo a qual o naturalismo “significa uma ameaça crescente para a nossa cultura” (Husserl, E. [1911], p. 293). “Trata-se apenas do primeiro sinal de uma preocupação que ainda se mantinha incipiente, mas que se intensificaria na década seguinte” (Tourinho, 2022, pp. 305-306).

18 James Hart (1995, p. 138) lembra que Husserl parecia quase melancólico com sua falta de capacidade para entrar na política como outros filósofos o fizeram.



A guerra serviu, paradoxalmente, como catalisador para que Husserl pudesse se direcionar para questões práticas e morais que afetavam à humanidade. Ao enfrentar a “consciência de crise” trazida pela guerra, Husserl se viu compelido a explorar mais profundamente a relação entre filosofia e cultura. Em última análise, a guerra transformaria a *pessoa* de Husserl, levando-o a encontrar um novo significado em sua própria filosofia, enquanto buscava iluminar um caminho para a renovação da cultura. Portanto, a trajetória de Husserl durante a Primeira Guerra Mundial revela uma complexa interação entre as tensões da história, a crise espiritual da humanidade e a evolução de seu pensamento. Seus esforços para confrontar a crise, redefinir o propósito da filosofia e reacender o compromisso ético ressoam como um lembrete poderoso de que a reflexão filosófica não é apenas uma busca intelectual puramente “teórica”, mas também uma resposta ativa e profunda aos desafios da história, conduzindo à renovação tanto individual como coletiva.

Referências

- Adelgundis J. et O. S. B. (2020). *Conversations avec Edmund Husserl (1931-1936)*. Alter, v. 28, p. 321-350.
- De Warren, N. (2023). *German Philosophy and the First World War*. Cambridge University Press.
- Fabri, M. (2016). O motivo ético do recurso à subjetividade transcendental. *Philosophos - Revista de Filosofia*, 21(1), 59-81. <https://doi.org/10.5216/phi.v21i1.37385>. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/philosophos/article/view/37385>
- Haeckel, E. (1893). *Der Monismus als Band zwischen Religion und Wissenschaft*. Bonn: Verlag von Emil Strauss.
- Hart, J. G. (1995). Husserl and Fichte: With special regard to Husserl's lectures on “Fichte's ideal of humanity”. *Husserl Study* 12, 135-163.
- Hoeres, P. (2019). Resenha do livro “Philosophers at the Front: Phenomenology and the First World War”. Editado por Nicolas de Warren e Thomas Vongehr. Publicado em *Militaergeschichtliche Zeitschrift*, volume 78, número 2, pp. 521-523. Würzburg, Alemanha.
- Hoyos, P. J. A. & Ortiz, O. E. O. (2017). Renovación como responsabilidade ética en la perspectiva de la fenomenología. *Revista Colombiana de Educación*, N.º 72. Bogotá, Colombia.
- Husserl, E (1987). *Aufsätze und Vorträge (1911-1921)*. Organizado por NENON, T. e SEPP, H. R. (Husserliana XXV). Hague: Martinus Nijhoff. (original de 1911-1921)
- Husserl, E (1989). *Aufsätze und Vorträge (1922-1937)*. Organizado por NENON, T. e SEPP, H. R. (Husserliana, XXVII). Dordrecht/Boston/London: Kluwer Academic (Original de 1911-1921).
- Husserl, E. (1913). *Logische Untersuchungen*. Erster Band. Prolegomena zur reinen Logik. Halle a. d. S.: Max Niemeyer, (Original de 1900).
- Husserl, E. (1984). *Einleitung in die Logik und Erkenntnistheorie – Vorlesungen 1906/07*. Husserliana (Band XXIV). Dordrecht, The Netherlands: Martinus Nijhoff (Original de 1906/1907).
- Husserl, E. (1910). Philosophie als strenge Wissenschaft. In: *Logos: Zeitschrift für systematische Philosophie*, 53 Seite (n), pp. 289-341.
- Husserl, E. (1987). Fichtes Menschheitsideal (Drei Vorlesungen 1917). In: *Aufsätze und Vorträge (1911-1921)*. Husserliana. Band XXV. Dordrecht / Boston / Lancaster: Martinus Nijhoff Publishers.
- Husserl, E. (1989). Erneuerung. Ihr Problem und ihre Methode (1923). In: *Aufsätze und Vorträge (1922-1937)*. Husserliana. Band XXVII. Dordrecht / Boston / London: Kluwer Academic Publishers.
- Husserl, E. (2014). *Europa: Crise e Renovação*. Tradução: Pedro M. S. Alves. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Husserl, E. (1976). *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*. Husserliana. Band VI. Netherlands: Martinus Nijhoff.
- Ingarden, R. (1968) (Org.). *Briefe an Roman Ingarden: Mit Erläuterungen und Erinnerungen an Husserl*. Springer Science & Business Media.



- Kelkel, L. & Schéerer, R. (1964). *Husserl, sa vie, son oeuvre* (avec un exposé de sa philosophie). Paris: Press Universitaire de France.
- McCormick, P. & Elliston, F. (1981) (Eds). *Husserl, shorter works*. Notre Dame, Indiana: University of Notre Dame Press.
- Möckel, C. (1998). Krisisdiagnosen: Husserl und Spengler. *Phänomenologische Forschungen*, v. 3, n. 1, p. 34-60.
- Ricoeur, P. (2009). *Na escola da fenomenologia*. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Schuhmann, K. (1981). *Husserl-Chronik: Denk-und Lebensweg Edmund Husserls*. Springer Science & Business Media.
- Tourinho, C. D. C. (2022). Sobre os sentidos da crise na crítica de Husserl ao naturalismo. *Revista de Filosofia Aurora*, Curitiba, 34 (62), pp. 300-318. DOI: <https://doi.org/10.7213/1980-5934.34.062.AO02>
- Vásquez, G. H (2012). La Ética Fenomenológica como Responsabilidad para la Renovación Cultural. In: *Renovación del hombre y de la culture: Cinco Ensayos / Edmund Husserl*. Barcelona: Anthropos Editorial.

Recebido em 28.08.2023 – Aceito em 06.11.2023